



Delfim Santos, Professor

Luís Lindley Cintra (1966)

www.delfimsantos.org

Lisboa: *O Tempo e o Modo* 43-44, nov.-dez., 1093-1094.

«A suposição de que os problemas humanos têm solução definitiva é constantemente desmentida»; [Há] problemas sem unívoca possibilidade de posição e sem indiscutível solução».

Leio o prefácio de Delfim Santos à coletânea de lições e conferências sobre *Educação Estética e Ensino Escolar*, há pouco editada pelas Publicações Europa-América, certamente o seu último escrito a ser publicado, e parece-me ouvir a sua voz tolerante, (ultimamente tão cansada), sempre a aconselhar compreensão e abertura para as opiniões alheias, precisamente porque os problemas humanos não têm uma única e definitiva solução.

Oiço também o eco das suas mais recentes — mas já tão antigas — preocupações de professor:

«Este é o problema fundamental: como se pode atender o número crescente de escolares que cada ano se nos apresenta; como se pode aumentar progressivamente o número de escolas; como se podem aumentar os quadros indubitavelmente restritos dos agentes de ensino na metrópole e no ultramar se, para os atuais quadros limitados e restritos, escasseia o pessoal indispensável? Como é possível supor que os esquemas administrativos do passado possam continuar em vigor quando a população discente cresceu de forma a perturbar tudo o que se possuía?»

E, perante tantas perguntas angustiosas, a sua resposta — também já antiga — e a sua desilusão. A desilusão de quem há tanto tempo insistia na necessidade de uma solução urgente, e há tanto tempo via a realização do seu plano de um Instituto Superior de Pedagogia, bem meditado e elaborado, esquecida ou adiada, enquanto os problemas que, a ele como a tantos de nós, afligiam e afligem, se agravavam e tornavam quase irremediáveis, ano a ano, dia a dia.

«O processo está concluído e a certeza reforçada. Que é necessário para se conseguir contrapor fortemente à diluição dos mais fecundos anseios e assegurar à Nação a estabilidade funcional responsável e segura? Todos o afirmaram: a competente formação do professor de todos os graus de ensino. Vivemos neste domínio sujeitos ao condicionalismo da improvisação e não estruturamos convenientemente a formação profissional dos modeladores do trabalho escolar ao nível do conhecimento da criança e do adolescente. Não agimos com a segura possibilidade de desenvolvimento da nossa juventude e comprometemos o futuro com a



www.delfimsantos.org

continuação de um passado indesejável, relativamente à formação dos quadros e da mentalidade que de hoje se exigem para amanhã».

~~Quando o Professor Delfim Santos assim falava — e não perdia uma oportunidade para o fazer — era um grupo inteiro de professores universitários que se sentia representado na sua palavra, o grupo de que, numa ocasião particularmente grave, se destacou o «Grupo de Estudos sobre o Estatuto Universitário», de que foi um dos membros mais ativos e colaboradores. Raras vezes — se é que alguma vez — a maioria dos professores da Faculdade de Letras de Lisboa se sentiu também realmente representada no Senado Universitário como no período difícil em que, por eleição, ele ali se manteve como seu representante; e raras vezes, acrescentarei ainda, Delfim Santos sofreu como professor tão profundamente como quando alguns, que não os seus colegas, julgaram que, por um momento, ele tinha fraquejado no exercício dessa representação. A sua reação foi nobre e corajosa mas, para os seus colegas, desnecessária: sabiam em que circunstâncias dolorosíssimas ele tinha sido conduzido a agir, sem qualquer desvio da linha que firmemente se tinha imposto e que era a única em que ele sabia representá-los verdadeiramente.~~

Desapareceu Delfim Santos: dos nove lugares ocupados nas atuais reuniões na sala quase vazia do Conselho Escolar da Faculdade de Letras — Faculdade de cinco mil alunos! — há mais um que fica vago, Deus sabe por quanto tempo. Em certos aspetos, com certeza que para sempre. Não é apenas mais um professor que falta. É uma opinião lúcida como poucas (e tão poucas vezes ouvida ali onde o deveria ter sido!), uma palavra serena, sóbria, moderada, só intervindo, mas intervindo sempre, quando era necessário fazer-se ouvir. Sei bem que não sou o único — bastou-me ouvir algumas palavras e sobretudo observar alguns olhos nas reuniões posteriores à sua morte — a contemplar com profunda tristeza aquele lugar irremediavelmente vazio.

Mas está longe de ser só na sala do Conselho que a falta de Delfim Santos se faz sentir na Faculdade onde ensinou. A sua personalidade de professor caracterizava-se, talvez acima de tudo, pelo seu estar presente onde quer que fosse, junto dos novos. Em primeiro lugar, junto dos assistentes: sempre uma palavra de simpatia, um gesto amigo, uma sugestão, a manifestação do seu interesse. Por outro lado, junto dos estudantes: nenhum se lhe dirigia que não fosse ouvido e atendido; e geralmente não esperava que o procurassem: aproximava-se, informava-se das suas iniciativas, apoiava-as, assistia, comentava. Delfim Santos queria e gostava de estar presente junto de tudo quanto representasse esperança de transformação e de renovação no campo da cultura. E todos sabíamos que essa sua presença era um modo de colaboração. Como não há muito eu próprio recordava, na Universidade ou fora dela, ali onde se realizava qualquer manifestação cultural autêntica na vida de Lisboa — conferência, colóquio, concerto, representação — era quase seguro encontrá-lo e poder-se ouvir a sua opinião, apoiada numa cultura vasta e num gosto seguro. Foi esta uma forma — e



www.delfimsantos.org

não a menos importante — de intervir na vida intelectual e artística portuguesa do tempo incerto em que lhe coube viver.

Desapareceu Delfim Santos. Mas não a sua obra — que se nos impõe quanto antes reunir e publicar — nem o seu exemplo de lucidez, de tolerância e de compreensão, de abertura de espírito e de distinção, como homem, como pensador e como professor — que é um verdadeiro dever, para os que tivemos o privilégio da sua convivência e da sua amizade, manter presente e prolongar.

~~Há, nos últimos tempos — dizia o ele próprio no prefácio que comecei por citar e voltarei a recordar nesta conclusão — «sinais de renovação», «anseios de futuro a manifestarem-se no presente». Talvez um dia vejamos o que infelizmente Delfim Santos tanto desejou, mas não pôde chegar a ver realizado. Lembremos o seu aceno de despedida, tornado tão comovente pelas circunstâncias em que nos chegou (são as últimas palavras do prefácio):~~

~~— «Que a esperança nos acompanhe».~~

~~Lisboa, dezembro de 1966.~~

~~Luís Lindley Cintra~~

~~{texto cortado pela censura prévia}~~